

ESCRITA DE MULHERES NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA PROPOSTA DIDÁTICA

Maria Eduarda de Lima Silva¹
Esdras Bandeira Fernandes²
Vitória Silva Souza³
Micaela Sá da Silveira⁴

RESUMO

Os estudos de gênero têm sido uma pauta recorrente em meios filosóficos, sociais, e também literários, sendo assim, tal discussão se faz necessária no contexto escolar. Como é sabido, existem textos na literatura que podem trazer à tona uma realidade sombria, ao apresentar mulheres que vivenciam realidades marcadas por repressões simbólicas ou físicas. Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo propor uma Sequência Didática, a partir dos contos “A língua do P”, Clarice Lispector, e “Maria”, de Conceição Evaristo, visando promover discussões sobre o feminismo, assim como mostrar a importância de se trabalhar, refletir e debater acerca do papel social atribuído às mulheres, considerando a necessidade de se discutir sobre esse tema para que a mulher passe a transpor os ideais socialmente construídos na história relacionados à imagem objetificada. Com isso, entendemos que os textos lidos possibilitam que haja uma ponte para discussão desse tema. Partindo dessa premissa, utilizaremos a pesquisa de natureza qualitativa de cunho bibliográfico, baseada nas contribuições de Butler (2010), Cosson (2006), Jauss (1994), Souza (2011), Rouxel (2013), Todorov (2009), dentre outros pesquisadores. Considerando a reflexão crítica gerada pelo trabalho, esperamos que a temática discutida possa contribuir para uma maior compreensão e visibilidade da Literatura escrita por mulheres em sala de aula.

Palavras-chave: Escrita de mulheres, Letramento literário, Sequência didática.

INTRODUÇÃO

[...] Ser mulher, e, oh! atroz, tantállica tristeza!
ficar na vida qual uma águia inerte, presa
nos pesados grilhões dos preceitos sociais!
(Gilka Machado)

O poema “Ser mulher”, de Gilka Machado, que serve de epígrafe para este trabalho, foi publicado no início do século XX, e nos possibilita pensar sobre a dor e delícia de ser mulher. Neste poema, não tão conhecido, Gilka já apresentava, naquele momento, os pesados

¹ Graduando pelo Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, eduardamflima@gmail.com;

² Graduando pelo Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, esdrasbandeira@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, vtoriatrajano06@gmail.com;

⁴ Professora orientadora: Dra. em Literatura e Interculturalidade, pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, micaela.sa@ufersa.edu.br

fardos dos papéis sociais aos quais as mulheres são submetidas pela ótica machista, a predisposição dessa ótica convencionada como natural de subordinação ao homem. O eu-lírico aponta suas amarras, seus anseios e desejos, não respeitados por uma sociedade, enfatizando a conduta que se era esperada para a mulher, comumente presa a uma condição submissa a um homem, no entanto, insatisfeita e ainda buscando os gozos do amor, do prazer, mesmo que esteja presa aos “preceitos sociais”.

Historicamente, as mulheres foram, durante muito tempo, apresentadas dentro da literatura, a partir da ótica de uma sociedade majoritariamente conservadora e machista. A representatividade feminina, dentro dessa literatura, principalmente canônica, é percebida através de estereótipos, marcada pelo seu lugar social, sem aprofundamentos no que se refere a sua subjetividade, enquanto ser formado por individualidades que transcendem os estereótipos.

Nessa perspectiva, assuntos como a sexualidade da mulher e as violências de gênero sofridas por elas foram escondidas do público, evitando assim os debates críticos, e, quando aconteciam apresentações de textos de escritoras e/ou protagonistas que apresentavam tais temáticas, era de maneira escondida, isto é, ainda que durante o século XIX as mulheres já possuíssem algum espaço na literatura, não em grande alcance como acontecia com os escritos dos homens. Dessa forma, é só com o reconhecimento de obras de autoria feminina nos séculos XX e XXI que as abordagens sobre ser mulher e suas vivências são abarcadas, dando espaço a vozes antes silenciadas.

Sob essa ótica, as estruturas sociais estiveram presentes na categorização de uma escrita marcada por meio de um tema pré-definido, como pertencentes ao universo da mulher, elencando narrativas cujo foco eram os sentimentos amorosos ou cuidados relacionados à família, sem aprofundar nas questões sexuais, uma vez que o desejo e a atração física não eram assuntos condizentes para um público altamente conservador. Assim, é importante refletir acerca do papel social das mulheres no âmbito literário em associação à sociedade, visto que surge uma necessidade de se discutir acerca dessa imagem de mulher, que perdurou durante muito tempo na literatura, para que a figura da mulher nas obras possa ser revisitada em uma concepção que fuja meramente à imagem objetificada, sobretudo na literatura.

Nesse sentido, é importante que as discussões acerca das representações da mulher ganhem cada vez mais espaço no contexto escolar, o que já vem ocorrendo, ainda que em passos lentos, pois apesar dessas discussões estarem ganhando visibilidade, em sala de aula ainda não se fazem presentes de forma assídua, em vista disso, sugerimos uma proposta didática para abordar o sujeito feminino a partir dos textos “A língua do P”, de Clarice

Lispector e “Maria”, de Conceição Evaristo, levando em consideração as inquietações presentes nas tramas, a concepção da mulher, seus embates, a criação do sujeito e suas possibilidades, assim como o contraste vivido entre as protagonistas, buscando também analisar o recorte de raça entre os dois contos.

Dito isto, os contos escolhidos para o nosso roteiro didático é marcado através do intimismo, que demonstra de maneira subjetiva a construção da mulher no século XX e XXI, e partindo do entendimento que a literatura pode construir a esfera íntima, como afirma Rouxel (2013), os textos foram escolhidos para que o corpo discente possa, a partir da análise, possuir uma visão mais transformadora perante os assuntos abordados, para tanto, nessa proposta, trabalhamos com o conceito de Letramento Literário proposta por Cosson (2006).

Diante da discussão exposta, o presente trabalho justifica-se pela necessidade de levar propostas didáticas, pautada na perspectiva dos letramentos literários, para debates do ser mulher, assim como da violência que esta camada da sociedade vive, propondo uma desmistificação de concepções sociais que não condizem com a realidade apresentada, dentro e fora da sala de aula. Com isso, no decorrer da construção didática deste trabalho, foi utilizado o estudo de cunho bibliográfico, com ênfase no caráter descritivo, para usarmos a ficção literária como base que retrata historicamente o perfil da sociedade quando relacionados aos temas de gênero e raça.

Por fim, podemos considerar que a junção da temática social sendo abordada nas salas de aula, por meio dos textos literários e seu caráter atemporal, podem ajudar na construção identitária de sujeitos críticos, possibilitar aos alunos uma ampliação do respeito à diversidade de gênero e à pluralidade racial. Além de revelar o seu papel perante a sociedade, tendo em vista a necessidade de exposição do que foi, e do que é ser mulher.

COMO A ESCOLA NOS INTRODUZ À LITERATURA?

Durante muito tempo, podemos observar que a literatura é tratada no ensino escolar, muitas vezes, com um aparato histórico no caso do Ensino Médio, ou de maneira introdutória para amostra dos fonemas durante a alfabetização das crianças. Nessa perspectiva, a Literatura não é tratada através da integridade dos seus textos, mas apenas como sustento para outras disciplinas.

No que se refere à realidade do ensino de literatura, Rildo Cosson (2006) aponta uma possibilidade de exercícios docentes que difere do ensino tradicional, assim, aborda a necessidade de um letramento literário dentro da sala de aula, uma vez que está relacionado diretamente às observações da realidade sociocultural através da escrita de um modo singular.

Para tanto, a conceituação de letramento literário consiste em um conjunto de práticas que buscam o trabalho da literatura de forma reflexiva, assim sendo, contribui para que o discente construa conhecimentos críticos acerca das obras, relacionando ao seu cotidiano, quando possível.

Nessa perspectiva, percebemos que o envolvimento do aluno melhora quando são trazidos assuntos de suas realidades através da literatura, pois exterioriza sentimentos, apresentam contextos e situações semelhantes, que por vezes não são debatidas, e/ou aprofundadas. Assim, Cosson e Paulino (2009) apresentam uma visão do letramento literário que se divide tanto como experiência individual quanto social, promovendo uma prática que permite uma interação mais valorizada no ensino da literatura e sua aprendizagem, tornando-se, desse modo, de maneira mais efetiva.

Nesse cenário, da compreensão da literatura como agente social, nota-se a necessidade de possibilitar a diversidade textual, explanando gêneros textuais diversos, além de obras que não se popularizaram dentro da sociedade, uma vez que apresentam autores e/ou enredos que não estão incluídos no cânone literário. Como no caso de algumas produções de escritoras mulheres, negras, LGBTQIAPN+, que outrora não tinham uma grande visibilidade em relação às obras canônicas, agora dando espaço à pluralidade existente na sociedade.

Ademais, outra concepção importante está no contexto dos letramentos de reexistência, conforme aponta Souza (2011), isto é, a necessidade de renovar as práticas pedagógicas para que seja possível incluir textos e autores que antes eram marginalizados nas produções, potencializando o reconhecimento das manifestações artísticas, que mostram suas verdades que advém de alertas de violências e exclusões, como justifica a autora:

Os letramentos de reexistência mostram-se singulares, pois, ao capturarem a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discursos já cristalizados em que as práticas validadas sociais da língua são apenas as ensinadas na escola formal (SOUZA, 2011, p. 36).

À vista disso, o uso dos letramentos de reexistências pode colaborar efetivamente no que condiz com a representatividade das identidades que sofreram com o segregamento histórico em nosso país, que ainda são vítimas de discursos excludentes e práticas que perpetuam as opressões para com as minorias compostas por negros, mulheres, LGBTQIAPN+ e demais grupos. Isto posto, o ensino da literatura em uma perspectiva pedagógica da reexistência, contribui diretamente para uma nova ótica da historicidade através de um olhar mais crítico e decolonial.

GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

Os estudos de gênero têm sido uma pauta recorrente em meios filosóficos, sociais, culturais, acadêmicos e também literários, sendo assim, necessário abordar em sala de aula. O cenário escolar é considerado uma extensão da sociedade, pois é composto por seres heterogêneos e singulares subjetivamente, que se encontram em fase de desenvolvimento e que compreendem as diversas formas de ser e de viver. Assim, a instituição de ensino está imbricada na vida social e histórica dos indivíduos que fazem parte desse contexto, tendo já passado por diversas mudanças ao longo do tempo, sabemos que as escolas representam importantes instituições, pois possuem poder para compor as concepções de mundo dos sujeitos. Com base nisso, destaca-se o pensamento de Foucault (1987, p. 221), ao apontar que as instituições de ensino possuem um formato específico de “panóptico”, que consiste em um

espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica.

A partir dessa estrutura das instituições, criou-se um modelo de escola com conhecimentos disseminados, de contínuo controle sobre os indivíduos, envolvendo separações de gêneros, classes sociais e idades, definindo os indivíduos como seres quantificados, que são constantemente avaliados e que devem obedecer às normas impostas. Tal padrão acaba desconsiderando, muitas das vezes, que os sujeitos são seres singulares e subjetivos.

Analisando em nosso contexto, é sabido que esse formato das instituições escolares permanece até os dias atuais, e que nem sempre contribui para que sejam desenvolvidas atividades e discussões que envolvam as variadas temáticas sociais, relacionadas às questões de gênero e sexualidades. Dado isso, no que diz respeito ao ensino de Literatura na escola, muito se tem discutido e avançado, porém alguns docentes ainda apresentam certa dificuldade no momento de trabalhar temáticas sociais, devido ao formato tradicional escolar. Entretanto, é necessário que essas discussões sejam geradas em sala de aula, pois é a partir delas que os alunos poderão compreender a realidade que nos cerca.

Nesse sentido, podemos compreender a literatura como humanizadora, pois faz com que “[...] o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela – com altos e baixos, luzes e sombras [...]” (Candido, 1972, p. 4), permitindo que os indivíduos percebam a relação da criação literária em paralelo à realidade. Em meio a esse cenário, é sabido que existem textos na literatura que podem trazer à tona uma realidade sombria quando relacionadas às mulheres, uma marca repleta de repressões simbólicas ou físicas. Esses textos podem ser lidos

como críticas sobre nossa sociedade, podendo ser utilizados como ferramentas em sala de aula, para o desenvolvimento da criticidade dos discentes.

Através do trabalho com os textos literários, podemos ter uma noção de como os corpos femininos são observados na literatura e, como aponta Butler (2010), o corpo é uma solidificação nunca finalizada, pois existe uma alimentação por meio de atos externos, atitudes conservadoras – normativas –, que podem excluir e violentar o feminino, uma vez que a discussão acerca do sujeito feminino causa uma diversidade de opiniões, pois as contribuições de gênero podem ser conflitantes, a depender do espaço colocado, isto é, estamos nos referindo às conceituações construídas historicamente, que respaldam uma sociedade.

TEXTOS LITERÁRIOS EM SALA DE AULA

Os contos selecionados para o roteiro pedagógico são “A Língua do P”, de Clarice Lispector, e “Maria”, de Conceição Evaristo, em ambos há situações em que as mulheres sofrem violência, seja de maneira direta ou indireta, nos levando a refletir acerca de como essas situações acontecem no cotidiano. Vamos conhecer melhor tais produções para viabilizar a compreensão do roteiro proposto.

A narrativa “A língua do “P””, de Clarice Lispector (1998), faz parte de sua obra *A via crucis do corpo*, e no conto temos a personagem principal, Cidinha, locomovendo-se em um trem, em que há dois homens sentados à sua frente, os quais começam a falar em código (na língua do P) que vão “currar” aquela mulher, isto é, estuprá-la. Ao compreender o código deles, Cidinha busca formas de sair daquela situação, diante disso, passa a se comportar como se fosse uma “prostituta”, subindo sua saia e abrindo botões de seu casaco para deixar os seios meio à mostra. Por causa desse comportamento, o bilheteiro chama a polícia e a garota vai presa, conseguindo assim fugir da situação.

O conto apresenta algumas denúncias em relação a sexualidade feminina, a personagem tem comportamentos que fogem do padrão esperado pela sociedade machista, que a mulher deve ser alguém pura e virginal, já que, como afirma Colling (2014), o corpo da mulher sempre foi unicamente direcionado para a reprodução e nunca para o seu próprio prazer. O final da história traz outra pauta que é o estupro, já que outra moça acaba sendo violentada no lugar de Cidinha, notando mais uma vez que o corpo da mulher é violado de maneiras distintas.

A violência presente no conto “Maria”, de Conceição Evaristo, publicado no livro *Olhos d'água* (2016), é similar devido ao machismo sofrido por Cidinha, no entanto, a

protagonista é uma mulher negra, o que traz outro tipo de violência que é o racismo, notando que há um recorte de raça entre as mulheres aqui apresentadas. No conto, a personagem Maria, uma empregada doméstica, estava em um ônibus que foi assaltado por um homem que ela conhecia, o pai de seus filhos, ele rouba todas as pessoas daquele ônibus, menos a protagonista, o que causa uma revolta nos demais que estavam presentes e como forma de destilar seu ódio, os passageiros lincham Maria, a levando à morte. A autora faz em seu texto uma denúncia social de como as mulheres negras são tratadas, notando a invisibilização dessas pessoas.

Nessa conjuntura, compreendemos que a história das mulheres foi/é tomada de violência e acobertada por um conservadorismo que, na maioria das vezes, naturaliza tais abusos. Em contrapartida, com a ascensão de literatura produzida para dar voz a tantas vítimas, faz jus a necessidade do trabalho em sala de aula para desconstruir a ideia já atrasada do determinismo biológico, permitindo leituras que fujam do tradicionalismo exigido outrora, avançando em ideias nas quais as mulheres não precisam assumir um lugar de silenciamento, tão menos de seres marginalizados, migrando para um local de liberdade de fala.

Os temas relacionados à sexualidade e gênero são pouco valorizados por parte da educação brasileira. Isto deve-se ao fato das construções de pensamentos histórico-sociais, envolvendo principalmente a religião, visto que o Brasil é um país de matriz cristã. Ademais, em formação, os docentes, em sua maioria, não são submetidos a estudos em relação às formas de lidar com determinados assuntos em sala de aula, os levando a evitar e, de certa forma, tentar escapar dessa pauta considerada polêmica.

Levando para o âmbito didático, ainda é necessário observar que os materiais são escassos. São poucos os materiais didáticos que buscam quebrar a visão dicotômica do binarismo e levar a reflexão acerca das questões de gênero. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS), publicado em 1997, traziam como tema a pluralidade cultural e a orientação sexual, dentro deste havia um pequeno tópico sobre “Relações de gênero”, que debatia acerca das configurações históricas de gênero. Contudo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento de 2017, não leva em consideração a importância dessas questões

Tal esvaziamento em documentos educacionais oficiais foi feita sistematicamente por pressão de indivíduos e entidades ligadas a setores religiosos. Segundo Maria Nascimento e Cristiana Chiaradia (2017), discussões relacionadas a gênero foram suprimidas do Plano Nacional de Educação (PNE). Sendo assim, na construção da BNCC, que se deu a partir desse plano, foi facilitada a supressão do tópico orientação sexual, que tratava a temática gênero e sexualidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) 6, pois tal temática não estava incluída no tópico da educação escolar. (SALVADOR, et al. 2021, p. 11)

Apesar dos documentos oficiais não possuírem orientações sobre as questões de gênero, o professor ainda tem a liberdade de falar sobre isso em sala de aula. Nesse sentido, urge a necessidade de se debater tal temática, principalmente nas aulas de língua portuguesa, porque “encontramos na Literatura um espaço propício ao debate sobre as múltiplas vivências do sujeito.” (SOUZA; SILVA; SILVEIRA, 2016). A literatura consegue ser um meio multimodal que pode ser utilizado para incitar discussões sobre o tema. Partindo de textos literários, conseguimos fazer com que os alunos reflitam sobre o que foi lido e tragam seus conhecimentos de mundo sobre aquele determinado assunto e discutam entre si. Assim, produzir atividades que possam partir de textos de pessoas dentro dessa realidade, ou que falam sobre esse tema, se torna uma boa estratégia para abordar essas temáticas em sala de aula.

Diante do exposto, no tópico seguinte, iremos propor um material didático-pedagógico – especificamente um roteiro – objetivando traçar melhores caminhos para a abordagem da temática explorada neste trabalho. Para este feito, utilizamos o texto de Clarice Lispector, “A língua do P”, e “Maria”, de Conceição Evaristo.

ROTEIRO DIDÁTICO

Diante do exposto, pensando nas teorias que abarcam nossa discussão, propomos um roteiro didático com o objetivo de indicar sugestões de como se trabalhar com a literatura e com a temática da violência relacionada à mulher em sala de aula.

Série: 3º do Ensino Médio

Obras: *A língua do “P”*, de Clarice Lispector e *“Maria”*, de Conceição Evaristo

Temática: A violência que a mulher sofre perante a sociedade.

Tempo necessário: 7 encontros

Gênero: Conto

Objetos do conhecimento: Literatura, leitura, gênero e sexualidade na literatura de autoria feminina.

Competências:

- Refletir, por meio de textos literários, acerca do ser mulher perante a sociedade e (re)produzir textos visando propagar o combate da violência de gênero;
- Apresentar aos discentes a literatura de autoria feminina;
- Incentivar a leitura de textos relacionados a temáticas sociais;

- Promover o pensamento crítico diante de problemáticas sociais acerca da mulher;
- Estimular a oralidade por meio de roda de debates a respeito do ser mulher na sociedade.

Descrição das aulas:

1º Encontro (2 aulas geminadas)

- Inicialmente, para introduzir o trabalho que será realizado com a turma, explicar que iremos realizar uma discussão sobre a temática “As violências que as mulheres sofrem na sociedade”;
- Nesse momento, iremos incitar a curiosidade dos alunos para a leitura através de questionamentos acerca do título do conto “A língua do P”, de Clarice Lispector, como: “Quais são as suas expectativas para o conto?”; “Vocês conhecem a língua do P?”; “Sobre o que acham que esse conto irá tratar?”;
- Ler coletivamente o conto até um pouco antes do clímax, parte em que Maria quase é violentada sexualmente. Em seguida, fazer uma investigação de hipóteses sobre o final do texto e pedir para que sejam anotados no caderno os palpites;
- Ler a parte final do conto, para discutir se era algo que os alunos esperavam e quais suas impressões sobre a narrativa como um todo;
- Debater sobre a temática da mulher na sociedade, por intermédio das questões de violências e marginalização, através da seleção de alguns trechos do conto, para que assim, os alunos apresentem seus pontos de vista sobre a forma como a sociedade enxerga essa violência.

2º Encontro (2 aulas geminadas)

- Utilizar como elemento motivador o trecho final da animação do conto *Maria*, de Conceição Evaristo, sem apresentação sonora, apenas visual, buscando investigar as expectativas dos alunos com base no título e no desfecho apresentado. Assim, questionaremos o que pode ter acontecido com a personagem para que a tragédia acontecesse;
- Ler coletivamente o conto até um pouco antes do clímax, parte em que os personagens estão prestes a linchar Maria, questionar aos alunos o que poderá acontecer com a personagem após ela ser encurralada. Posteriormente, fazer uma investigação de hipóteses sobre o final do texto e pedir para que sejam anotados no caderno os palpites;
- Ler coletivamente a parte final do conto, para discutir se era algo que os alunos esperavam e quais suas impressões sobre o conto;
- Fazer uma comparação entre a personagem de Clarice, do primeiro conto, e da personagem do conto de Conceição, observando se as violências sofridas se aproximam;
- Em seguida, apresentaremos imagens de notícias sobre feminicídios, com o recorte de raça, para que, pelas fotos, os alunos possam criar suas próprias manchetes;
- Em seguida, vamos ler as manchetes criadas a partir das fotos, assim como a respectiva matéria pertencente as imagens;
- Debater sobre a temática agora incluindo o recorte de raça, notando como a mulher negra sofre violências da sociedade.

3º Encontro (2 aulas geminadas)

- Propor aos alunos que eles escolham uma parte da história lida para modificar, através da adequação, apresentar os elementos básicos da narrativa, como a importância de um clímax e construção de personagem;
- Pedir para que os alunos apontem as diferenças entre as duas personagens, considerando que se fosse uma personagem branca no lugar da negra o desfecho da história teria sido diferente? Dessa forma, vamos discutir a temática, tendo em vista que podemos explorar as personagens negra e branca, a partir do contexto pertencente, para refletir tanto em relação à perspectiva estrutural do gênero quanto a temática;
- Apresentar os elementos do gênero conto a partir da retomada das modificações produzidas pelos educandos.

4º Encontro (2 aulas geminadas)

- Através de um jogo de tabuleiro sobre os elementos da narrativa, buscaremos revisar o que foi visto nas aulas anteriores, dessa forma, nos cartões do jogo terão trechos dos contos lidos, no qual os estudantes precisarão identificar qual é o elemento da narrativa correspondente;
- Para a realização dessa atividade, os alunos serão divididos em dois grandes grupos, para que possam analisar em conjunto os questionamentos levantados ao longo das perguntas;
- O intuito do jogo é propiciar o entendimento do gênero de modo dinâmico e interativo.

5º Encontro (2 aulas geminadas)

- Propor que os alunos se dividam em grupos, escolham um dos contos e modifiquem um trecho indicado pelo professor, sendo ele o de introdução ou desfecho. Nesse momento, eles podem resgatar os trechos produzidos na aula 3;
- Após feita essa modificação, eles irão compartilhar os trechos modificados, mostrando a maneira que eles enxergaram uma melhor mudança na parte indicada;
- A partir disso, será trabalhada a criatividade dos alunos, bem como daremos espaço para que eles possam ser os protagonistas do trabalho com o gênero textual.

6º Encontro (2 aulas geminadas)

- Encontro destinado às orientações e ensaios da leitura teatralizada das produções.
- Cada grupo terá de encenar a parte modificada, para isso eles irão se reunir com seus respectivos grupos, definir o que cada integrante irá fazer, como será a caracterização, e demais processos. Caso a escola tenha auditório, as encenações serão feitas nesse ambiente, para que os alunos possam vivenciar melhor a experiência de dramatização.

7º Encontro (2 aulas geminadas)

- Culminância: os grupos irão apresentar suas encenações das partes do conto adaptadas, para que a comunidade escolar possa participar e prestigiar os alunos em seu momento de protagonismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi discutido, podemos compreender que o presente estudo corrobora o caminho que vem sendo traçado perante discussões já existentes. No entanto, é sempre necessário voltarmos o nosso olhar reflexivo para as práticas pedagógicas que envolvem o ensino de Literatura, porque ela pode ser utilizada como instrumento formador crítico e possibilitar que os discentes se reconheçam e reconheçam a sociedade em que estão inseridos. Logo, a proposta didática apresentada permite que os estudantes tenham acesso às dinâmicas que corroboram para um ensino que desmistifica a Literatura como monótona.

Nesse sentido, é preciso explorar os mais variados textos, não somente as obras canônicas, mas também as que fogem desse âmbito, visando abarcar diferentes temáticas e tipos de texto, objetivando a formação de um leitor crítico e que tenha um amplo repertório cultural. Faz-se necessário trazer para sala de aula diferentes tipos de literatura, a literatura escrita por mulheres, a indígena, a gay, dentre muitas outras, além de usar outros suportes como os jogos, para dinamizar o ensino. Desse modo, acreditamos que adotar metodologias de ensino de Literatura voltadas para o desenvolvimento de atividades que levem os alunos a refletir acerca da temática abordada, podem contribuir de modo pertinente e eficiente para a formação de alunos críticos.

Portanto, se faz necessário que os docentes não trabalhem a Literatura meramente em seu âmbito de historicidade, mas visando explorar seu caráter formador, assim urge a necessidade de que cada vez mais professores venham construir materiais de literatura, principalmente em relação a escrita de mulheres, ou a escrita sobre mulheres com o objetivo de se debater cada vez mais sobre essa temática.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marcel Alvaro [et al]. Resistências e propostas para práticas de letramentos literários na escola hoje. *In: Literatura na escola*. São Paulo: Contexto, 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história**. Dourados, MS: Editora UFGD, 2014.

CUNHA SALVADOR, N.; DE OLIVEIRA, A. J. FRANCO, N. **FRACASSO. EVASÃO E ABANDONO ESCOLAR DE PESSOAS TRANS: ALGUMAS REFLEXÕES NECESSÁRIAS**. Revista de Educação Pública, [S. l.], v. 30, n. jan/dez, p. 1–18, 2021.



EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1ª ed. Rio de Janeiro. Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 27 ed. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

MACHADO, Gilka. **Poesias Completas**. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1978.

LISPECTOR, Clarice. **A Via Crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

SILVA; SILVA; SILVEIRA. Camilla de Melo; Camilla Marques da; Micaela Sá da. **Teoria queer vai à escola: (como) estamos lidando com essa presença?**. Anais XII CONAGES. Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/18711>> Acesso em: 05 jun. 2023.

ROUXEL, Annie. **Aspectos metodológicos do ensino da literatura**. Leitura de literatura na escola. São Paulo: Parábola, 2013.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.